

## Terapia ocupacional e propostas de intervenção na rede pública de ensino

## Occupational therapy and a proposal intervention in a public school

Andrea Perosa Saigh Jurdi<sup>1</sup>, Maria Inês Britto Brunello<sup>2</sup>,  
Marcelo Honda<sup>3</sup>

---

JURDI, A.P. S.; BRUNELLO, M. I. B.; HONDA, M. Terapia ocupacional e propostas de intervenção na rede pública de ensino. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v.15, n.1. p. 26-32, jan./abr., 2004.

**RESUMO:** O artigo relata uma experiência de parceria entre o Laboratório de Estudos sobre Deficiência e Cotidiano do Curso de Terapia Ocupacional da USP e uma Escola Municipal de Educação Infantil da cidade de São Paulo, na qual foi proposto um trabalho onde, através de atividades lúdicas grupais com uma classe de crianças com 5 e 6 anos, fosse possível buscar soluções e trazer questionamentos às dificuldades encontradas pela escola no seu cotidiano que comprometiam a qualidade de aprendizado e convivência.

**DESCRITORES:** Terapia ocupacional/tendências. Educação infantil. Jogos e brinquedos. Socialização. Escolas. Setor público. Estudos de intervenção.

---

---

<sup>1</sup> Terapeuta Ocupacional do Laboratório de Estudos sobre Deficiência e Cotidiano do Curso de Terapia Ocupacional do Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional da FMUSP. Mestre em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pelo Instituto de Psicologia da USP.

<sup>2</sup> Docente do Curso de Terapia Ocupacional do Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional da FMUSP. Coordenadora do Laboratório de Estudos sobre Deficiência e Cotidiano do Curso de Terapia Ocupacional da FMUSP. Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pelo Instituto de Psicologia da USP.

<sup>3</sup> Aluno do curso de Terapia Ocupacional do Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional da FMUSP.  
**Endereço para correspondência:** Rua Cipotânea, 51. Cidade Universitária, São Paulo, SP. CEP: 05360-000.  
e-mail: maribrunello@hotmail.com, ajurdi@usp.br

## INTRODUÇÃO

A Terapia ocupacional tem se utilizado, cada vez mais, de propostas de intervenção que vão além dos espaços terapêuticos tradicionais, recorrendo a dispositivos que buscam a ampliação do entorno social, a autonomia e a melhora da qualidade de vida das pessoas que, por motivos variados, encontram-se em dificuldades de inserção e participação social.

Nesse sentido, o Espaço Lúdico Terapêutico (ELT), serviço de assistência, ensino e pesquisa, vinculado ao Laboratório de Estudos sobre Deficiência e Cotidiano do Curso de Terapia Ocupacional da FMUSP tem trabalhado no sentido de ampliar a rede social de crianças e adolescentes com deficiência mental e distúrbio global de desenvolvimento, criando práticas que transitam em diferentes áreas do conhecimento.

Como uma das formas de viabilizar essas ações, a equipe do ELT desenvolve, além dos atendimentos clínicos, das oficinas de atividades e acompanhamentos terapêuticos, trabalhos voltados à inclusão escolar junto à rede de ensino municipal e estadual.

A parceria com o campo da educação tem nos permitido proporcionar ações voltadas para as questões do cotidiano escolar. Percebemos, através dos trabalhos realizados nas escolas, que as solicitações trazidas pelos profissionais da educação refletem a necessidade de se pensar práticas mais efetivas que contemplem as atividades do cotidiano escolar e as relações que se estabelecem no mesmo. As reflexões e questionamentos vindos desses profissionais ultrapassam, muitas vezes, questões genéricas. Falam de dificuldades vivenciadas no cotidiano, ações que se desenrolam no dia a dia escolar, como dúvidas sobre o universo infantil, seu desenvolvimento, as dificuldades de aprendizado ou mesmo questões relativas a propostas de atividades que poderiam modificar as práticas convencionais.

Ao longo desse percurso decidimos priorizar as intervenções que privilegiassem um determinado olhar para esse cotidiano escolar, o que implica em examiná-lo, conhecer suas propostas, relações entre os sujeitos e idéias que o constituem. Esse olhar nos convoca para além do aspecto pedagógico, pois entendemos que essas relações não se resumem a técnicas e métodos específicos. Os conflitos que emergem devem ser compreendidos para além do processo ensino-aprendizagem, e vistos como historicamente constituídos, referindo-se a fenômenos mais amplos e complexos.

A partir desse ponto de vista, o objetivo do ELT tem sido propor dispositivos que possibilitem uma

real inclusão das crianças que frequentam a rede pública de ensino e, a partir de intervenções realizadas com alunos, professores e técnicos, redimensionar a prática dos profissionais, contribuindo com novas posturas sobre as ações que se desenvolvem no dia a dia da escola.

Compreendemos que a escola tem um papel fundamental no processo de desenvolvimento infantil. Como o primeiro ambiente fora do âmbito familiar, recebe e coloca a criança na esfera das relações sociais. Por isso mesmo, as primeiras experiências vividas no seu interior serão decisivas para a construção do modo como esse indivíduo se coloca no mundo, nas relações com os outros, e frente ao conhecimento e ao ato criativo (ROSA, 1998).

O processo da educação se dá através de encontros, os quais possibilitam o acesso a conhecimentos que fazem com que o indivíduo se aproprie do mundo humano. As experiências que ocorrem na escola vão depender da qualidade da relação professor-aluno, se ambos forem capazes de construir um espaço de confiabilidade, onde aprender e ensinar acontecem de modo significativo. Como ação criativa, a educação implica em desenvolver consciência, propiciando processos de transformação, de apropriação do saber social historicamente construído. Apropriando-se de um determinado saber, o indivíduo cria possibilidades de intervir e agir no ambiente, transformando-o.

Partindo desses princípios, nossas intervenções no campo da Terapia Ocupacional utilizam as atividades humanas como forma de desconstruir ações excludentes e alienantes que inviabilizem o aprendizado e o acesso à permanência de crianças e adolescentes da rede pública de ensino. A atividade, enquanto ação significativa e potencializadora do ato criativo, sustentada em uma relação de confiabilidade, permite a expressão cultural de cada aluno, construindo um campo compartilhado, possibilitando a interação entre os indivíduos envolvidos.

Em nossas intervenções escolares a atividade lúdica tem sido um dos recursos utilizados para construir e fortalecer novas leituras sobre os processos de inserção escolar dos alunos. A escolha dessa atividade pode ser compreendida por ser uma atividade da infância. É na infância que ela se inaugura e como atividade humana, abre possibilidades para um campo onde as subjetividades se encontram com os elementos da realidade externa, possibilitando uma experiência criativa com o conhecimento.

O objetivo desse artigo é, portanto, relatar uma parceria entre os campos da Terapia Ocupacional e da Educação, utilizando como recurso para a intervenção na escola, a atividade lúdica.

### **Uma breve retomada sobre a atividade lúdica na pré-escola**

Atualmente se torna inquestionável reconhecer a atividade lúdica como fundamental para o desenvolvimento da criança, fase permeada pelas descobertas, imaginação, aprendizagem, criação e apropriação da cultura, pois ela abre possibilidades para o campo do imaginário, da fantasia, do contato com o mundo interno e externo, possibilitando uma aproximação com a realidade e uma ação sobre esta. O brincar gera situações de interação e de construção de conhecimento da realidade, de sociabilidade, de experimentação da relação com o outro, de aproximação da cultura e de exercício da decisão e da invenção, permitindo à criança, colocar-se em contato com seus limites e capacidades, bem como, com seus sentimentos, num clima favorável de satisfação pela possibilidade de criação das próprias decisões, ação sobre as situações concretas do cotidiano e realização de seus desejos e escolhas.

Para Wajskop (1995) a criança, por meio das brincadeiras, pode se deparar com desafios e questões além de seu comportamento diário, pois, ao mesmo tempo em que entra em contato com o mundo imaginário, pode também construir relações reais entre ela e o mundo e elaborar regras de organização e convivência, modificando a realidade de acordo com suas necessidades. Com essas possibilidades de experimentação, a criança, ao brincar, encontra progressivamente saídas para realizar independentemente as atividades, pois descobre

“estratégias para enfrentar o desafio de andar com as próprias pernas e pensar aos poucos com a própria cabeça, assumindo a responsabilidade pelos seus atos” (OLIVEIRA, 2000, p.21).

O brincar constitui-se, assim, como importante ferramenta para o aprender a conviver e viver criativamente buscando caminhos para sua autonomia, independência e respostas para seus questionamentos sobre os fatos do mundo. As experiências lúdicas que acontecem na relação com outros indivíduos podem significar momentos de diálogo, construção de regras, onde compartilham desejos, decisões, sonhos, idéias. Para Emerique (2004, p.13)

“a exposição de desejos, vontades, capacidades e dificuldades pessoais, nessas situações de encontro com o outro, pode constituir um exercício de liberdade e respeito, pois a heterogeneidade presente no grupo possibilita o reconhecimento do outro enquanto sujeito que também deseja, sonha e possui os mesmos deveres e direitos”.

Podemos afirmar, assim, que o potencial lúdico nos grupos leva as crianças a um movimento de abertura e socialização, contribuindo para a autonomia, cooperação, trocas, escuta e respeito mútuo. As brincadeiras em conjunto vêm a ser melhor experiência de socialização, pois leva a criança a lidar com os imprevistos do percurso e a perceber outras possibilidades de interação além das que está acostumada em seu ambiente usual e convencional. Isto é, sua visão de mundo deixa, lentamente, de partir de um único foco, centralizado em si mesmo, para se alargar e se expandir para outros pontos de vista.

E tal como o brincar, a escola tem um papel fundamental na vida social das crianças. É o lugar de intermediação entre a família e a sociedade, colocando a criança em contato com novas regras sociais, novos conhecimentos e experiências e diferentes convivências. Lugar para aprender a estar com o outro, a trocar afetos, ouvir e ser ouvido e capacitá-la a se sentir pertencente ao seu grupo social. E a atividade lúdica se torna um dos principais aliados para alcançar o aprendizado criativo, responsável, reflexivo e questionador do próprio contexto em que vivem.

### **Uma experiência da Terapia Ocupacional em uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) na cidade de São Paulo**

A intervenção a ser relatada se refere a uma experiência desenvolvida pelo ELT em parceria com uma escola municipal de educação infantil, junto a uma classe de alunos com faixa etária entre cinco e seis anos, durante o período de abril a novembro de 2003. A escola em questão atende crianças na faixa etária de quatro a sete anos e está localizada próxima à Universidade de São Paulo, na região do Butantã. Tem como proposta de ensino focalizar a articulação entre escola, família e comunidade. Segundo o projeto elaborado pela escola, a sua diversidade possibilita a articulação entre as diversas áreas do conhecimento e objetiva o crescimento qualitativo e saudável da criança, transformações, construção de indivíduos críticos e autônomos, cooperativos e solidários, que atuem como cidadãos de fato.

Para viabilizar o projeto, a escola abre suas portas a parcerias com outros campos de conhecimento, buscando assessoria e recursos junto a esses outros profissionais, dentre eles a terapia ocupacional.

Como a maioria das pré-escolas existentes, esta utiliza uma pedagogia lúdica, em que o brincar tem um lugar definido, propiciando o conhecimento, a socialização e o aprendizado, o que facilitou a nossa

proposta de intervenção. Além disso, tem como característica um excelente espaço físico, situada em uma praça arborizada. Atende as crianças da região e bairros vizinhos. Os alunos vão para a escola, em sua grande maioria, com o transporte escolar gratuito oferecido pela prefeitura Municipal de São Paulo. Este fato, segundo a coordenadora pedagógica, apesar de facilitar o acesso das crianças à escola, aumenta a distância entre escola e família, dificultando diálogos, orientações, encaminhamentos e inviabilizando conversas necessárias a respeito dos alunos.

A solicitação da escola à equipe de ELT apontava para sua dificuldade com alguns alunos que tinham um comportamento mais agitado, prejudicando a qualidade do aprendizado, Referindo que esses alunos requeriam uma atenção individualizada. Esse pedido nos chegou como uma solicitação de um atendimento terapêutico de alguns alunos dentro da própria escola. A dificuldade de estabelecer uma parceria com as famílias, a falta de serviços de saúde para os possíveis encaminhamentos, levou a equipe da escola a oferecer seu espaço físico como forma de tratamento para seus alunos.

Em nosso entendimento, a escola não se constitui como espaço clínico, portanto, não condiz com nossa prática constituir um grupo terapêutico dentro da mesma, mas trabalhar as questões referentes a uma real inclusão destes alunos, pensando na comunidade escolar como um todo.

Compreendemos que o uso de atividades propicia modificações nas interações que se estabelecem em determinados grupos, facilitando relações e possibilitando uma comunicação que antes estava prejudicada. A escola não se diferencia nesse sentido e, portanto, a atividade poderia favorecer novas perspectivas de ação e comunicação entre as crianças e entre alunos e professor.

### **Procedimentos**

Para compreendermos melhor a queixa trazida pela escola, estabelecemos alguns procedimentos. Inicialmente nos detivemos em realizar uma observação sistemática do cotidiano da escola, buscando orientar o olhar do observador para as questões que poderiam facilitar o reconhecimento do campo onde o trabalho seria realizado.

Foi elaborado um roteiro pensando nas atividades que costumam compor o dia a dia de uma pré-escola, buscando identificar tanto os recursos físicos, materiais e humanos (espaço utilizado pelas

crianças e equipe, materiais disponíveis para o aprendizado, número de crianças por sala, coordenação, funções da equipe, apoio técnico à equipe), como também conhecer a rotina da escola, a relação professor/aluno, a dinâmica grupal (cooperação, autonomia, interesse, participação), o uso das atividades e as dificuldades específicas apresentadas por algumas crianças nas áreas do comportamento, linguagem, relacionamento social, cognitivo e outras.

Essas observações nos trouxeram dados importantes quanto à dinâmica grupal dos alunos, a relação professor/aluno, os entraves institucionais vivenciados pelos professores em relação às suas condições de trabalho e suas dificuldades com determinadas crianças que apresentavam problemas com o aprendizado formal.

Uma vez definidas as dificuldades mais emergentes que a escola nos apresentava, propusemos que esta elege-se uma das classes cuja queixa fosse mais evidente e onde a possibilidade de convivência e aprendizado estivesse mais comprometida, já que não poderíamos, naquele momento, trabalhar com várias classes ao mesmo tempo.

Definida a classe em que iríamos atuar, foi necessário oferecer à professora um tempo de escuta, o seu entendimento a respeito da dinâmica que se estabeleceu com seu grupo de alunos e suas dificuldades. Esta nos relatou que desde o início do ano de 2003 a classe vinha sofrendo mudanças de professores, pois a professora titular, por motivos de saúde, apresentou ausências constantes até à decisão de afastar-se em definitivo, no mês de agosto. Foi, então, que a atual professora assumiu o grupo de alunos, pois já vinha substituindo a professora titular eventualmente. Deparou-se com um grupo de alunos extremamente confuso, caótico e desorganizado, com dificuldade de escuta ao outro, de difícil controle e, conseqüentemente, apresentando uma produção em suas atividades aquém do esperado. Para uma classe de crianças nesta faixa etária, a falta de uma autoridade leva a um caos significativo. As próprias crianças se queixavam de dores de cabeça, de cansaço e dificuldade para realizar tarefas devido à “bagunças” dos colegas.

No processo de educação escolar, o vínculo professor/aluno nos parece fundamental para que a relação aconteça. Sem ele nenhum referencial adiantaria. *“Vínculo se constrói na constância de tempo e espaço. Regularidade de presença e compromisso. (...) Este caminho também se dá através*

*da afetividade. A inteligência inicial da criança é profundamente afetiva. Só aprendemos com quem gostamos”* (COSTA, 2002, p. 21).

Em suma, tinha se instalado uma dinâmica na sala de aula na qual, tanto professora como alunos, encontravam-se imobilizados para as tarefas de aprendizado.

Interessante observar que, apesar da professora reconhecer sua dificuldade em manter o vínculo com seus alunos, esta insistia em localizar a dificuldade do grupo em algumas crianças que, por problemas familiares, de comportamento ou capacidade de aprendizado, estariam comprometendo a organização do grupo. Por outro lado, esta docente passou a ocupar um determinado lugar no grupo de professores: por ser a mais nova da equipe e por isso considerada inexperiente, foi colocada no lugar de quem não consegue realizar bem seu trabalho, precisando da ajuda de terceiros.

Sobre isso, se faz importante retomar que um grupo não se constitui apenas como uma soma de suas partes, mas mais do que isso, ele é uma rede de relações e de vínculos entre os indivíduos que passam a funcionar através da assunção e delegação de papéis. Nesta classe, o grupo se constituía por crianças e professora, atravessados por dinâmicas institucionais específicas, onde podíamos observar a presença de lideranças (negativas ou positivas), “bodes expiatórios” ou mesmo “sabotadores” que interferiam na realização das tarefas escolares.

Propusemos à escola um trabalho baseado em duas vertentes: a realização de atividades semanais que enfatizassem o lúdico com os alunos da classe e discussões periódicas com os professores e coordenação pedagógica, buscando conjuntamente soluções e alternativas para os problemas levantados.

Passamos a desenvolver junto à classe atividades que envolvessem jogos cooperativos, brincadeiras de roda, colagem, contação de histórias, confecção de brinquedos de sucata, organizadas semanalmente com a professora e de acordo com os registros e observações feitos a cada dia, procurando trabalhar com as situações emergentes e com as necessidades do grupo.

Estas atividades nos possibilitaram conhecer a dinâmica do grupo no que diz respeito à cooperação, trocas e vínculos afetivos, presença de sub-grupos, relação dos alunos com o professor, movimentos de exclusão no grupo e de negação de participação nas atividades, temas conversados entre as crianças espontaneamente; lideranças negativas e positivas; percepção dos limites e reconhecimento das regras

sociais, capacidade de lidar com situações e atitudes novas, envolvimento com o processo de atividade, criatividade, relação com o produto final, capacidade de autonomia, improvisação ou habilidade e coordenação realizada pela professora e participação da escola.

### **A atividade possibilitando transformações**

A partir dessas vivências e observações fomos percebendo, em relação às crianças, a presença de determinados grupos de alunos que contribuíam para uma dinâmica caótica da classe, demonstrando atitudes constantes de negação ou falta de interesse para realizar as atividades, “boicotando” as propostas feitas no dia, destruindo o trabalho dos colegas, não ouvindo nossas solicitações ou da professora, entrando e saindo da sala com frequência, não aceitando as regras determinadas pela escola, provocando brigas entre os colegas. Essa desorganização gerava dificuldade de atenção e escuta por parte das outras crianças para as explicações da proposta do dia, interferindo no processo de realização das atividades propostas.

Além disso, chamava-nos a atenção a pouca autonomia por parte de algumas crianças para realizarem as atividades, solicitando constante ajuda dos adultos ou esperando passivamente a chegada do professor, mesmo para atividades que eram capazes de executarem sozinhas. Outro fato que nos chamou atenção durante o processo, foi observar como as crianças esperavam por recompensas ao finalizarem a atividade, demonstrando que o fazer estava atrelado a receber algo material em troca (“tia, se eu fizer você vai me dar uma bala?”).

Compondo essa dinâmica, encontrávamos uma professora desautorizada pela sala, sem escuta e interlocutores e, conseqüentemente, frustrada diante de sua tarefa como educadora, buscando diferentes recursos para mudar essa situação.

Diante desse quadro resolvemos alterar algumas dinâmicas que se mostravam extremamente cristalizadas e impossibilitavam o grupo de se organizar. Primeiramente, redistribuímos a forma das crianças sentarem, formando sub-grupos de trabalho nos quais cada adulto ficaria mais próximo, facilitando a aproximação com cada integrante e uma compreensão melhor da proposta oferecida no dia. Depois, separamos as crianças que apresentavam uma dificuldade maior de organização nos diferentes grupos. Antes de começarmos a atividade mostrávamos que havia material para todos e que

ninguém deixaria de recebê-los. Deixamos claro que a recompensa que receberiam era a própria atividade que cada um elaboraria.

Durante o processo de intervenção as atividades mais apreciadas foram as referentes à construção de brinquedos de sucata. Usando a imaginação, as crianças puderam construir jogos e brinquedos com material acessível e de uma forma simplificada para que pudessem transpor esse aprendizado para seu cotidiano. O envolvimento de todos em relação à proposta foi grande e todos os alunos participaram. Na dinâmica geral, percebemos que a movimentação corporal era uma constante e o modo de se relacionar com o material e a proposta era através de gritos, conversas e correrias pela sala.

A construção de jogos como bingo, memória e brinquedos como fantoches, carrinhos, barcos, livros, etc, abriu um campo de experimentação que nos fez perceber e trabalhar, tanto as dificuldades das crianças e suas possibilidades, como as dificuldades da professora e os entraves institucionais que atravessavam essas práticas cotidianas.

As atividades mobilizaram todos os alunos e repercutiram em outras classes. Recebíamos crianças de outras salas que queriam aprender e solicitações de outros professores acerca da técnica sobre determinada atividade.

Os alunos dessa classe foram convidados a ensinar uma das técnicas, a confecção de fantoches, para outra classe, colocando-os em um outro lugar que não o da indisciplina e do fracasso. Muito orgulhosos de seu aprendizado puderam oferecer a outras crianças algo de que se haviam apropriado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando os registros realizados durante todo o percurso deste trabalho, podemos pontuar alguns itens que consideramos de maior relevância ao processo vivenciado na escola.

Houve uma maior disponibilidade de algumas crianças para realizarem as atividades, assim como houve menos “boicotes” à realização das atividades de colegas por estarem envolvidos em sua própria produção. O crescente envolvimento e interesse pelas propostas levadas durante esse período provocaram a dissolução de pequenos grupos que se negavam a participar das atividades, impossibilitando os colegas de trabalharem.

As atividades propostas e as discussões que realizávamos após as oficinas, proporcionaram à

professora reconhecer em sua classe a presença de crianças criativas, interessadas em conhecer e aprender novas atividades, curiosas e afetivas. O caos que dominava a dinâmica grupal de sua sala impossibilitava-lhe reconhecer as possibilidades de seus alunos ou mesmo de realizar trocas afetivas entre eles.

Pôde-se discutir com os professores e a coordenação o papel do professor em relação ao lugar que ocupa em sala de aula, auxiliando na aquisição de autonomia, de entendimento das regras sociais, na organização do grupo e na apropriação do conhecimento.

Além disso, ao finalizarmos essa intervenção na escola, achamos importante levantarmos alguns pontos mais amplos para reflexão junto ao corpo docente e técnico da escola que foram sendo elaborados durante o percurso desse trabalho, tais como: o lugar que ocupa o professor da pré-escola em nossa sociedade como formadores de sujeitos criativos, autônomos e responsáveis; os atravessamentos institucionais que vão desde a falta de material adequado até o excessivo número de alunos por classe, a falta constante de professores e a interferência disso no processo de aprendizado dos alunos.

Trouxemos questionamentos que se referiam à resolução dos problemas encontrados no dia a dia em relação às crianças e à instituição; como a escola é percebida dentro do sistema de políticas educacionais; quais as dificuldades encontradas na relação alunos/professor no processo ensino/aprendizado e como procuram solucioná-las; como a escola tem pensado a inclusão de crianças com deficiência ou com dificuldades de aprendizado na rede pública de ensino. São indagações sem respostas imediatas, mas que merecem relevância para a análise de qualquer processo de intervenção que venha a ser feito junto ao campo da educação.

Em suma, esse trabalho buscou contribuir, junto aos professores e coordenação pedagógica, com possíveis soluções aos problemas encontrados no dia a dia da escola que comprometeriam a qualidade de aprendizagem, como também construir um campo de reflexões sobre as condições de trabalho com as quais vêm se deparando os profissionais de ensino da rede pública. Nessas discussões, procuramos ampliar a idéia de que os problemas da escola se justificariam apenas pelo comportamento de determinados alunos, mas poder reconhecer que, muitas vezes, alunos e professores fazem parte do contexto de políticas públicas, geralmente deficitárias, ausentes e irresponsáveis com o bem estar e a qualidade de vida de seus cidadãos.

JURDI, A.P. S.; BRUNELLO, M. I. B.; HONDA, M. Occupational therapy and a proposal intervention in a public school. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v.15, n.1. p. 26-35, jan./abr., 2004.

**ABSTRACT:** The article reports an experience of partnership between the Laboratory of Studies on Deficiency and Daily Routine at the Occupational Therapy Course of USP and a Municipal School for Children in the city of S. Paulo, where it was carried out an activity in wich, by means of a group playing activity with children whose ages varied from 5 and 6, it could be possible to find solutions and reflections about the difficulties faced by the school in its daily routine which would interfere with the quality of learning and relationship.

**KEY WORDS:** Occupational therapy/trends. Child rearing. Play and playthings. Socialization. Public sector. Schools. Intervention studies.

---

## REFERÊNCIAS

COSTA, A. T. **O resgate através da ludicidade**. São Paulo: Instituto Âmbar, 2002.

OLIVEIRA, V. B. **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

EMERIQUE, P. S. Aprender e ensinar por meio do lúdico.

In: SCHWARTZ, G. M. **Dinâmica lúdica: novos olhares**. São Paulo: Manole, 2004.

ROSA, S. S. **Brincar, conhecer e ensinar**. São Paulo: Cortez, 1998.

WAJSKOP, G. **O brincar na pré-escola**. São Paulo: Cortez, 1995.